

REORGANIZAÇÃO DO PARADIGMA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM OLHAR ESPECIAL PARA A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

ABRAÃO AUGUSTO DA SILVA SANTOS*

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE),
Cuiabá, MT, Brasil.

Recebido em: 13 jul. 2023. Aprovado em: 13 out. 2023.

Como citar este artigo: SANTOS, A. A. da S. Reorganização do paradigma pronominal no português brasileiro: um olhar especial para a primeira pessoa do plural. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 1, p. 109-127, jan./abr. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n1p109-127

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo promover algumas reflexões acerca da reorganização do paradigma pronominal no português brasileiro, considerando especialmente a variável primeira pessoa do plural (pronome reto), tendo como variantes as formas *nós* e *a gente*. São desenvolvidas algumas considerações acerca da descrição dos pronomes pessoais feita por Rocha Lima (2003), a fim de identificar quais as orientações da gramática normativa a respeito desse item gramatical. Em seguida, é traçado um breve panorama do atual quadro pronominal brasileiro, ancorado principalmente em Castilho (2010) e Neves (2011).

* E-mail: abraao225@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-1052-9664>

Por fim, propõe-se uma alternativa didática para se trabalhar a variante primeira pessoa do plural, conforme as tendências atuais do nosso português.

Palavras-chave

Primeira pessoa do plural. *Nós. A gente.*

INTRODUÇÃO

Como a escola é o lugar onde a linguagem recebe uma atenção especial, faz-se necessário que o trabalho com a língua materna não se restrinja apenas às prescrições normativas, mas considere também os usos variáveis que ocorrem no cotidiano, especialmente na fala e/ou escrita de pessoas menos escolarizadas – vítimas, por vezes, de preconceito linguístico.

Nas aulas de português, precisamos ter essas questões em mente para podermos trabalhar adequadamente a questão da variação linguística. Neves (2013) defende que o trabalho com a linguagem na escola deve levar em consideração os usos efetivos da língua e que a atenção se volte mais para os usuários do que para a língua em si, visto que, segundo a autora, os usos devem influenciar a norma, e não o contrário. A autora defende que

[...] se finque a pesquisa linguística na valorização do uso linguístico e do usuário da língua, propiciando-se a implementação de um trabalho com a língua portuguesa – especialmente com a gramática – que vise diretamente àquele usuário submetido a uma relação particular com a sua própria língua, a relação de ‘aprendiz’, o que, de certo modo, o retira da situação de ‘falante competente’, pelo menos do ponto de vista sociopolítico-cultural. Nessa linha, propõe-se como objeto de investigação na escola a língua em uso, sob a consideração de que é em interação que se usa a linguagem, que se produzem textos. Assim, o foco é a construção do sentido do texto, isto é, o cumprimento das funções da linguagem, especialmente entendido que elas se organizam regidas pela função textual (Neves, 2013, p. 18).

Trabalhar a língua, bem como a gramática, a partir dos usos registrados em sala de aula não é uma tarefa simples, porém necessária se pretendemos desenvolver um trabalho satisfatório e significativo, tanto para o professor

quanto para os alunos. Neves (2013) faz algumas análises de práticas errôneas, ainda recorrentes nas aulas de português e presentes no livro didático, como exercícios que servem apenas para ensino de metalinguagem, desconsiderando a importância de se trabalhar o texto em si. Além disso, dá exemplos de como se trabalhar a língua materna de maneira eficiente e que possibilite não apenas o reconhecimento do aluno como “falante competente” de sua língua, mas também que ele seja preparado para saber “circular” em diferentes ambientes e notar que há outras variedades da língua, isto é, diferentes modos de falar e escrever, e que ele pode utilizar a variedade mais adequada a cada situação.

A língua/linguagem é uma característica humana extraordinária, pois, além de permitir que a comunicação e a transmissão de saberes se efetivem de fato e de diversas formas, consegue se adaptar às novas necessidades comunicativas, seja com acréscimo lexical, seja com alteração de itens gramaticais. Assim, a linguagem humana tem evoluído com o homem; ela não é estática, nem homogênea, mas heterogênea e variável.

Dentre os itens variáveis da língua, as diversas formas de referir-se à primeira pessoa do plural, na forma pronominal, têm despertado o interesse de diversos estudiosos. Autores como Lopes (1998), Machado (1997), Omena (2003), entre outros, demonstram, por meio de suas pesquisas, o surgimento de novos pronomes pessoais em detrimento de outros. Nesse ínterim, o pronome de primeira pessoa do plural *nós* e a forma inovadora *a gente* (Omena, 2003, p. 75; Lopes, 2003) configuram-se como exemplos desse fato. Sendo assim, neste estudo, analisamos o atual estado do quadro pronominal do português brasileiro (PB), com atenção especial para a primeira pessoa do plural, objeto desta pesquisa.

Este estudo buscou investigar primeiramente as orientações de natureza normativa acerca dos pronomes pessoais, sobretudo a respeito das variantes de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. Para isso, optamos por estudar os pressupostos de Rocha Lima (2003). Em seguida, investigamos a atual fase do quadro pronominal brasileiro descrito por Castilho (2010) e Neves (2011), fazendo antes uma breve reflexão acerca da evolução do *a gente*, que passou por um processo de gramaticalização até especializar-se como pronome pessoal.

Com relação ao conceito de gramaticalização, Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb Galvão (2007, p. 16) afirmam que ela “se instaura no momento em que uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas

gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada”. Itens gramaticalizados ou em processo de gramaticalização não surgem na língua por acaso. De acordo com Gonçalves (2012, p. 395), “a motivação para a gramaticalização encontra-se nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas já existentes, assim como na existência de conteúdos para os quais não há designações linguísticas adequadas”.

Ao final deste estudo, sugerimos uma proposta didática para se trabalhar o paradigma verbal que inclua o *a gente* no quadro dos pronomes retos. Essa proposta não desmerece as orientações da gramática normativa (GN), mas visa ampliar as descrições a respeito da variante inovadora (*a gente*) que, por vezes, é ignorada pelo livro didático de língua portuguesa.

A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL SEGUNDO ROCHA LIMA

Segundo Rocha Lima (2003, p. 110), “pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o como pessoa do discurso”. Uma noção de referencialidade está presente nesse conceito, traço importante que seria interessante fazer parte do ensino sobre esse item, visto que a não identificação dos referentes no texto pode dificultar, por exemplo, a compreensão dele.

Com relação às *pessoas do discurso*, esse autor apresenta: quem fala (primeira pessoa), com quem se fala (segunda pessoa) e de quem se fala (terceira pessoa). Para Rocha Lima (2003, p. 110),

[...] *pronomes pessoais* são palavras que representam as três pessoas do discurso, indicando-as simplesmente, sem nomeá-las. A primeira pessoa, aquela que fala, chama-se *eu*, com o plural *nós*; a segunda *tu*, que é a com quem se fala, com o plural *vós*; a terceira pessoa, que é pessoa ou coisa de que se fala, é *ele* ou *ela*, com os plurais respectivos *eles* ou *elas*.

Tal definição, comumente presente na maioria das gramáticas normativas, não consegue atender a todas as reais implicações semânticas referentes aos pronomes pessoais. Os estudos de Lopes (1998, p. 2) contribuíram para reforçar as evidências dessa problemática:

No tocante à apresentação dos pronomes pessoais pelas diversas gramáticas normativas, não são verificadas divergências significativas. As questões mais

problemáticas dizem respeito aos seguintes pontos: 1) a não inclusão de formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial, como é o caso de *você/vocês/a gente* e 2) a concepção equivocada nas noções de número e pessoa. Com relação à forma *a gente*, as gramáticas não apresentam uma posição coerente e única. A classificação é, em geral, controversa, pois ora consideram *a gente* como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-a apenas em notas ou observações de rodapé.

Além dessas incoerências, a GN ainda nem sempre consegue prescrever todas as possibilidades de uso do pronome *nós*, considerando-o apenas como o plural de *eu* (*eu + eu*) (Lopes, 1998, p. 2), sem levar em conta, por exemplo, a noção de “eu-ampliado” (Lopes, 1998, p. 1) que nos parece mais apropriado para o ensino. A título de síntese, vejamos a seguir o Quadro 1 com os pronomes pessoais (sujeito e complemento/objeto) conforme descrito por Rocha Lima (2003).

Quadro 1 – Pronomes pessoais conforme Rocha Lima

Pessoa	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	<i>Eu</i>	<i>Me, mim</i>
2ª pessoa sg.	<i>Tu</i>	<i>Te, ti</i>
3ª pessoa sg.	<i>Ele, ela</i>	<i>O, a, lhe, se, ele, ela, si</i>
1ª pessoa pl.	<i>Nós</i>	<i>Nos, nós</i>
2ª pessoa pl.	<i>Vós</i>	<i>Vos, vós</i>
3ª pessoa pl.	<i>Eles, elas</i>	<i>Os, as, lhes, se, eles, elas, si</i>

Fonte: Rocha Lima (2003, p. 111).

Como podemos observar, a descrição feita por Rocha Lima (2003) está perfeitamente coerente com o que prescreve a GN, mas sabemos que há outras variantes que não estão contempladas nesse quadro. Sabemos, por exemplo, que o *tu* já não é a única variante usada em alguns dialetos para referência à segunda pessoa do singular, pois concorre com *você*, considerado por esse autor apenas como pronome de tratamento familiar (Rocha Lima, 2003, p. 112). Isso vale especialmente para o tratamento dispensado aos pronomes sujeitos de primeira pessoa do plural que no PB são representados pelas variantes *nós*

e *a gente*, mas nessa obra não é feita menção alguma a essa forma inovadora. A seguir, apresentamos algumas considerações acerca do atual paradigma para a primeira pessoa do plural no PB.

PARADIGMA ATUAL DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PB

Nesse contexto, aparecem, no quadro tradicional apresentado pela GN, os pronomes pessoais sujeitos no PB, estáveis, aparentemente imutáveis, mas que na prática já não se parecem tanto com o antigo paradigma pronominal (*eu, tu, ele, nós, vós, eles*).

Quando falamos em reorganização do quadro pronominal no PB estamos nos referindo aos pronomes sujeitos (retos). Tradicionalmente, como mencionamos anteriormente, a GN apresenta um quadro com seis pronomes pessoais na função de sujeito, tratando formas como *você* e *a gente* apenas como pronomes de tratamento familiar ou da linguagem coloquial, sem mencionar que eles também desempenham a função de sujeito e já estão sendo inseridos, por força do uso, no paradigma pronominal do PB. Outras formas estão sendo incorporadas ao quadro dos pronomes pessoais retos no PB, das quais destacamos a variante *a gente*, que disputa a preferência dos falantes com *nós*. Segundo Omena (2003, p. 64),

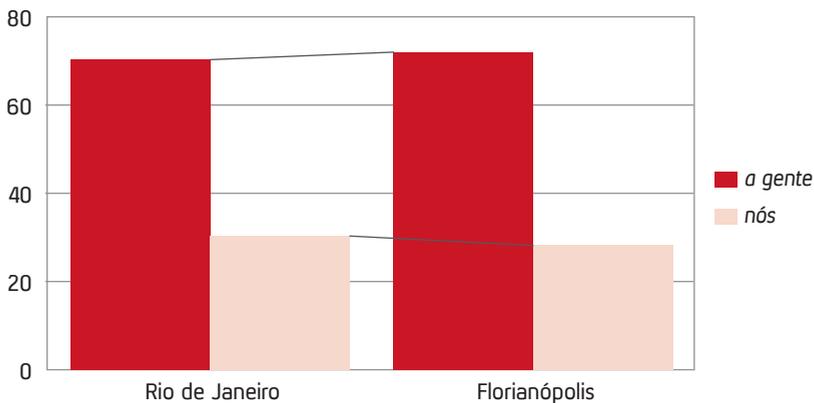
[...] o nome *gente*, oriundo do substantivo latino *gens, gentis*, constitui um SN que nomeia de forma coletiva, indeterminadora, mais ou menos geral, um agrupamento de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição. Determinado pelo artigo feminino *a*, é a forma originária de *a gente* que, através de um processo de gramaticalização passou a integrar o sistema de pronomes pessoais do português, concorrendo com *nós*, forma de primeira pessoa do plural.

Obviamente ainda não há consenso entre os gramáticos acerca da inclusão da variante *a gente* no quadro dos pronomes sujeitos (retos), e o reflexo disso é facilmente percebido em alguns livros didáticos que ainda não tratam dessa questão com clareza. No que diz respeito à reorganização do quadro pronominal, Pereira (2009, p. 30), que investigou a gramaticalização de *a gente*, afirma o seguinte:

[...] por parte dos falantes, passando a ocupar a posição de argumento externo dentro da estrutura de constituintes e a desempenhar a função sintática de sujeito [análogo a primeira pessoa do plural *nós*].

Segundo o *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa* (Amora, 2009, p. 343), “gente” é um substantivo que define: 1. o ser humano, 2. grande quantidade de pessoas, 3. população, conjunto de habitantes de uma região, 4. pessoal de um estabelecimento e 5. família. Mas, quando antecedido pelo artigo *a*, pode fazer referência à primeira pessoa do plural, análoga a *nós*, conforme afirmaram Omena (2003) e Pereira (2009). Sobre a opção entre as variantes *nós* e *a gente* para referência à primeira pessoa do plural, podemos citar a pesquisa de Omena e Braga (1996), que aponta para a preferência da variante *a gente* em detrimento do pronome *nós* na oralidade.

Gráfico 1 – Frequência do uso de *nós* versus *a gente* no Rio de Janeiro e em Florianópolis



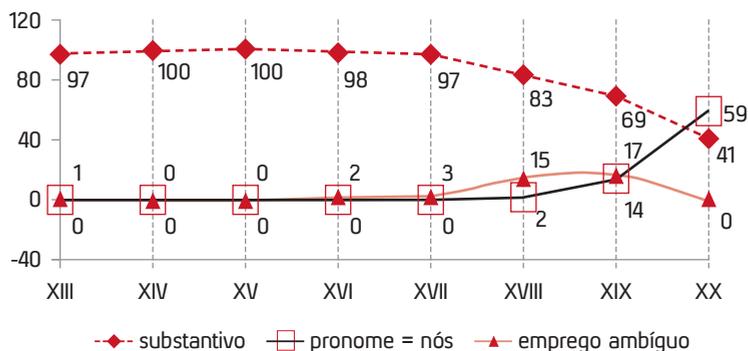
Fonte: Omena; Braga (1996).

Conforme sabemos, a língua é viva e está sempre se adaptando, mudando e evoluindo com a humanidade, e nem sempre a norma gramatical acompanha a velocidade das mudanças. A variante *a gente* concorre com o *nós* na preferência de muitos brasileiros em situações menos formais e ganha espaço mesmo em textos mais monitorados, principalmente na oralidade.

O estudo de Lopes (2003), entre outros, também evidencia o crescimento do *a gente* em relação ao pronome *nós* na preferência dos brasileiros nos últimos anos e indica que esse não é um fenômeno novo, principalmente na fala, mas ainda ignorado por alguns autores.

Como todo processo de gramaticalização, a especialização do *a gente* como pronome sujeito também se deu de forma progressiva, sempre em escala ascendente. Lopes (2003) apresenta um gráfico com o percurso percorrido pelo sintagma nominal *a gente* no processo de gramaticalização.

Gráfico 2 – Percurso histórico de *gente* (substantivo) > *a gente* (pronome)



Fonte: Lopes (2003, p. 64).

Podemos perceber no gráfico que, apesar de o *a gente* só ter se consolidado como pronome sujeito, com o mesmo valor de *nós*, a partir do século XIX, o emprego ambíguo, ora como substantivo, ora como pronome, começa timidamente a partir do século XVII (Lopes, 2003), evidenciando que a gramaticalização desse item não é um processo recente, mas já está estabelecido em nossa língua. Conhecer esse fenômeno é importante para que possamos entender melhor as mudanças pelas quais está passando o quadro pronominal do PB e, assim, adequar nossa prática docente.

O QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO CASTILHO

Castilho (2010) trata as questões gramaticais a partir do registro da norma falada no Brasil e apresenta um quadro pronominal, baseado nos princípios funcionalistas, em que a expressão *a gente* figura como pronome sujeito de primeira pessoa do singular e como objeto. A apresentação dos pronomes proposta por esse autor é inovadora no que diz respeito a outros pronomes também, o que veremos a seguir.

Quadro 2 – Pronomes pessoais segundo Castilho

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa do singular	<i>Eu</i>	<i>Me, mim, comigo</i>	<i>Eu, a gente</i>	<i>Eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa do singular	<i>Tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>Te, ti, contigo, Prep + o senhor, com a senhora</i>	<i>Você/ocê/tu</i>	<i>Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você (= docê, cocê)</i>
3ª pessoa do singular	<i>Ele, ela</i>	<i>O/a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>Ele/ei, ela</i>	<i>Ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i>
1ª pessoa do plural	<i>Nós</i>	<i>Nos, conosco</i>	<i>A gente</i>	<i>A gente, Prep + ele, ela</i>
2ª pessoa do plural	<i>Vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>Vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i>	<i>Vocês/ocês, cês</i>	<i>Vocês/ocês/cês, Prep + vocês/cês</i>
3ª pessoa do plural	<i>Eles, elas</i>	<i>Os/as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>Eles/eis, elas</i>	<i>Eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i>

Fonte: Castilho (2010, p. 477).

Ao elaborar esse quadro, o autor considera tanto os usos formais quanto os informais, incluindo tanto pronomes retos quanto oblíquos. Essa é uma descrição interessante, pois considera os usos reais que os falantes fazem da língua. Segundo Castilho (2010), os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças, o que se evidencia, sobretudo, na modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. O acréscimo de formas como *você/ocê/vocês/ocês* e *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, proposto pelo autor, parece-nos uma descrição mais aproximada da realidade do PB. Além disso, esse é um quadro que pode ser adaptado para o ensino/aprendizado da variação dos pronomes.

Acerca dos pronomes de primeira pessoa do plural, Castilho (2010, p. 478) acrescenta que,

[...] na primeira pessoa do plural, *nós* tem sido substituído pelo sintagma nominal *a gente*, como se vê em:

(55) *A gente* como pronome pessoal

a) *A gente* não está sabendo bem como sair desta.

- b) *Nós rimos muito ontem à noite, e aí a gente começamos a se entender.*
 c) *Nós tem uma sinuquinha lá que nós fizemos, a gente não se fala legal.*
 Omena (1978) estudou o fenômeno, mostrando que *nós* e *a gente* ocorrem com frequência maior na posição de sujeito, mas a substituição por *nós* é mais acentuada na função de adjunto adverbial. Na língua padrão, *a gente* leva o verbo para a P3. Na língua não padrão, *nós* e *a gente* levam o verbo para P4, como em (55b), ou para a P3, como em (55c). Assim a antiga expressão indeterminada penetrou no quadro dos pronomes pessoais, funcionando basicamente como *nós*, mas também como *eu*.

Castilho (2010) também concorda que o pronome *nós* concorre com a variante *a gente*, o que podemos evidenciar tanto pelos exemplos dados e pela inclusão da forma inovadora no quadro pronominal descrito pelo autor quanto pela experiência empírica em sala de aula.

Essa alteração no quadro pronominal brasileiro, pelo menos se considerarmos como parâmetro a gramática descritiva, de caráter funcionalista, demonstra que a língua é heterogênea e viva. Sendo assim, o ensino dela deve considerar também os usos que os utentes fazem dela ao se comunicarem.

O QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO NEVES

Neves (2013) defende que é o uso efetivo da língua que dita as “regras do jogo”, ou seja, é o falante/escritor que vai definindo no dia a dia quais regras gramaticais e quais as palavras – considerando todos os contextos de variação – realmente são seguidas e usadas.

Sabemos que a língua não é uma manifestação anárquica, solta e sem certa padronização – apesar das variações constatadas por inúmeros estudos. Tudo que é dito e escrito em português, *a priori*, é guiado por uma norma uniformizadora, a saber, a norma-padrão, mas que nem sempre resiste às pressões impostas pelo uso, e, portanto, devemos estar atentos para essas questões, a fim de evitarmos equívocos no ensino e mesmo na utilização cotidiana de nossa língua materna. Além disso, estudos também comprovam que há regularidade na variação a qual, de acordo com Tarallo (2001), pode ser sistematizada e explicada.

Uma obra que merece destaque nesta seção é a *Gramática de usos do português*, de Neves (2011). Trata-se de uma descrição gramatical que leva em consideração os usos efetivos da língua escrita e que não é, de forma alguma,

um ataque à norma-padrão, nem mesmo se configura como uma alternativa a ela, mas como uma exposição da língua em real funcionamento.

Com relação aos pronomes pessoais, Neves (2011) nos traz uma definição mais próxima das funções desempenhadas por eles no texto escrito e sua natureza sintático-semântica, especialmente os retos. Segundo a autora, “o *pronome pessoal* tem uma natureza *fórica*¹, ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer *referência pessoal*” (Neves, 2011, p. 449). Ela apresenta os pronomes retos relacionando-os às três pessoas do discurso às quais eles fazem referência. Acreditamos que essa característica fórica representa melhor a natureza dos pronomes do que a tradicional definição da GN, a qual define simplesmente o pronome como “classe de palavras que substitui ou acompanha o substantivo” (Cereja; Magalhães, 2012, p. 194). O Quadro 3 apresenta os pronomes retos sugeridos pela autora.

Quadro 3 – Pronomes pessoais retos segundo Neves

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	<i>Eu</i>	<i>Nós</i>
2ª pessoa	<i>Tu, você</i>	<i>Vós, vocês</i>
3ª pessoa	<i>Ele, ela</i>	<i>Eles, elas</i>

Fonte: Neves (2011, p. 450).

A priori, esse quadro não difere muito do tradicional, mas é interessante notarmos a presença do *você/vocês* entre os pronomes pessoais de segunda pessoa. Tradicionalmente, esse item é classificado como pronome de tratamento.

Neves apresenta, a partir da análise de textos reais (literários, artigos etc.), uma descrição mais apropriada sobre a multifuncionalidade dos pronomes pessoais. Sobre o emprego do pronome reto *nós*, ela afirma que nunca se refere apenas à primeira pessoa, ou seja, inclui sempre um *não eu*, conforme podemos observar no exemplo a seguir (Neves, 2011, p. 459):

a) Depois **nós** conversamos (AGO)

(eu+tu / você)

1 Sobre a natureza fórica dos pronomes, Neves (2011) distingue duas funções: a anáfora (a referência a uma pessoa ou coisa que foi referida no texto) e a catáfora (menção a algo ou alguém que será referido no texto).

Outro traço interessante sobre a primeira pessoa do plural, quando se trata do pronome reto, é a generalização que esse pronome pode expressar. Segundo a autora:

O falante institui a sua fala como se ela fosse de todo um grupo, com o qual ele se identifica:

O problema é o seguinte, Márcio... nós já tivemos muitas vidas, antes desta, entendeu? (ORM)

(nós = os seres humanos)

Na verdade nós adoramos as mulheres, desde que sejam belas, inteligentes e... inseguras. Seria isso uma prova de nossa misoginia? (ACM)

(nós = os homens) (Neves, 2011, p. 460).

Entender o pluralismo semântico de *nós* é importante para evitar equívocos conceituais e pragmáticos, principalmente para nós, professores de língua portuguesa, que temos a missão de ampliar o conhecimento linguístico de nossos alunos a respeito desse e de outros itens gramaticais.

Neves (2011) não introduz no quadro dos pronomes retos a variante *a gente*, mas a menciona, tratando-a como um pronome pessoal reto pertencente à linguagem coloquial. Assim como o pronome reto *nós*, a variante *a gente* também possui um caráter multifuncional com possibilidade diversa de usos e significações. A seguir apresentamos o Quadro 4, elaborado a partir das explicações e exemplos dados por Neves (2011) com as possibilidades de usos reais da primeira pessoa do plural representada pela variante *a gente*.

Quadro 4 – Multifuncionalidade do pronome *a gente* segundo Neves

REFERENCIALIDADE	EXEMPLOS
Para referência à primeira pessoa do plural (= NÓS)	É. Vamos mais adiante, A GENTE toma um táxi e manda rumar para Marrocos. (A) Depois A GENTE conversa. (AGO) Vou montar uma casa para você A GENTE vai ficar sempre juntos. (ETR)
Para referência genérica, incluindo todas as pessoas do discurso.	Dizem que A GENTE se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade. (A) Nessas horas A GENTE não pensa em nada, perde a cabeça. (AFA)

Fonte: Neves (2011, p. 469).

É interessante notarmos que o *a gente* mantém uma relação de sentidos muito próxima com o *nós*, principalmente no que diz respeito ao traço de generalização que o pronome de primeira pessoa do plural pode adquirir. A autora destaca ainda que outros sintagmas nominais, tais como *o cara*, *o pessoal*, operam essa referência generalizada, “mas seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma *a gente* tem” (Neves, 2011, p. 470). Isso evidencia mais uma vez o que pretendemos defender neste trabalho: a inclusão do *a gente* no quadro dos pronomes retos do PB é algo inegável.

O PARADIGMA VERBAL COM AS VARIANTES *NÓS* E *A GENTE*

Nesta seção, apresentamos uma proposta para se trabalhar o paradigma verbal a partir do quadro pronominal adaptado por nós para esse fim, pois acreditamos que a criação/adaptação de materiais didáticos é uma ferramenta útil no ensino de português.

A GN prescreve que o verbo regido pelo pronome *nós* deve ter o sufixo [*mos*], enquanto o *a gente* leva o verbo para a terceira pessoa do singular, com desinência [Ø]. Em uma pesquisa feita em uma escola da zona rural de Itaibó, na Bahia, encontramos, em um *corpus* composto por redações produzidas por estudantes do Ensino Fundamental II, algumas realizações que, embora possam ser claramente compreendidas, contrariam o que diz a GN, conforme podemos verificar nos exemplos a seguir:

(01) “Quando **nos** veio da passeio fui para casa brincar de bicicleta [...]” (M. S. S. 7º ano)

(02) “**Nós** viajamos para Jequei curtimos as Férias la é tudo de bom **nós** se diverte com nossos parentes.” [...] (E. J. S. 8º ano)

(03) “Quando elas chegaram na arquibancada falou que agora falta os meninos ganhar. Começou o nosso jogo **nós** foi e ganhou do mesmo placar que as meninas.” (D. N. D. 9º ano)

(04) “Os meninos começou a se animar no jogo e a torcida junto ajitando que **ajente** ia ser campeão. Mas **nós** foi campeão e as meninas não. [...]” (D. N. D. 9º ano)

Como o ensino da língua materna é sempre um paradoxo, devem-se evitar o preconceito linguístico e a desvalorização da fala/escrita dos alunos, e ao

mesmo tempo é imprescindível valorizar a língua-padrão. Outro desafio do professor é apresentar, especialmente em comunidades que utilizam a conjugação não padrão da primeira pessoa do plural, um quadro mais condizente com a atual realidade dos pronomes pessoais no Brasil. O Quadro 5 apresentado a seguir é adaptado do quadro² dos pronomes sujeitos proposto por Freitas (1997, p. 21, 24):

Quadro 5 – Proposta de adaptação para o quadro dos pronomes retos – presente do indicativo

AMAR – PRESENTE DO INDICATIVO					
		Singular		Plural	
1ª pessoa	<i>Eu</i>	Amo	<i>Nós</i>	Amamos	
	<i>A gente</i> ³	Ama	<i>A gente</i>	Ama	
2ª pessoa	<i>Tu</i>	Amas	<i>Vós</i>	Amais	
	<i>Você, o senhor, a senhora</i>	Ama	<i>Vocês, os senhores, as senhoras</i>	Amam	
3ª pessoa	<i>Ele, ela</i>	Ama	<i>Eles, elas</i>	Amam	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Talvez não seja adequado – dependerá do nível da turma – trabalhar esse quadro nas turmas que estejam em fase de alfabetização, mas acreditamos que, no final do Ensino Fundamental I e no II, os alunos tenham sido expostos a uma quantidade maior de conteúdos e exercícios gramaticais. Além disso, acreditamos que, com o passar dos anos, em sala de aula, os alunos vão amadurecendo suas habilidades e competências linguísticas, tornando-se, assim, mais preparados para aprender esse novo paradigma pronominal e verbal, que é diferente do apresentado pelo livro didático.

A fim de demonstrar como essa proposta é exequível e de fácil reprodução, apresentamos mais uma proposta de adaptação utilizando esse paradigma pronominal, porém no pretérito perfeito.

- Os quadros apresentados aqui são apenas modelos, servindo de paradigma para as demais conjugações, tempos e modos verbais.
- Embora não seja o foco desta pesquisa, não poderíamos deixar de mencionar que o *a gente* também é usado no PB como primeira pessoa do singular.

Quadro 6 – Proposta de adaptação para o quadro dos pronomes retos – pretérito perfeito

AMAR – PRETÉRITO PERFEITO					
		Singular		Plural	
1ª pessoa	<i>Eu</i>	<i>Amei</i>	<i>Nós</i>	<i>Amamos</i>	
	<i>A gente</i>	<i>Amou</i>	<i>A gente</i>	<i>Amou</i>	
2ª pessoa	<i>Tu</i>	<i>Amaste</i>	<i>Vós</i>	<i>Amastes</i>	
	<i>Você, o senhor, a senhora</i>	<i>Amou</i>	<i>Vocês, os senhores, as senhoras</i>	<i>Amaram</i>	
3ª pessoa	<i>Ele, ela</i>	<i>Amou</i>	<i>Eles, elas</i>	<i>Amaram</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como dissemos, a elaboração desse quadro não é difícil e pode, inclusive, ser feita com os alunos.

Outra variação encontrada em nosso *corpus* foi a falta de concordância dos pronomes reflexivos. Segundo Castilho (2010), construções do tipo que encontramos em (05) são comuns no Brasil:

(05) “**Nós viajamos** para Jequei curtimos as Férias la é tudo de bom **nós se diverte** com nossos parentes.” [...] (E. J. S. 8º ano)

Castilho (2010, p. 480-481) afirma que o pronome reflexivo *se* tem sido utilizado para fazer referência não apenas à terceira pessoa, conforme prevê a norma, mas também a P1, P2 e P3, “ou seja, a todas as pessoas gramaticais” (p. 480). Em nosso cotidiano, podemos encontrar pessoas com mais escolaridade construindo enunciados do tipo “eu *se* formei”, mas essa realização contraria a norma-padrão. Esse tipo de construção é comum em alguns dialetos, mas é estigmatizada em ambientes onde a maioria das pessoas possui um nível socioeconômico maior e, conseqüentemente, mais tempo de educação escolar.

De qualquer forma, precisamos instrumentalizar nossos alunos para que conheçam a forma adequada de reflexividade. A fim de trabalhar melhor essa questão, propomos uma adaptação do quadro pronominal de Bechara (2009).

Quadro 7 – Pronomes retos e oblíquos

Pronomes pessoais retos		Pronomes pessoais oblíquos		
		Átonos (s/ prep.)	Tônicos (c/ prep.)	
Singular	1ª pessoa:	<i>Eu</i>	<i>Me</i>	<i>Mim</i>
		<i>a gente</i>	<i>Se</i>	<i>Si</i>
	2ª pessoa: <i>tu</i>		<i>Te</i>	<i>Ti</i>
	3ª pessoa: <i>ele, ela</i>		<i>Lhe, o, a, se</i>	<i>Ele, ela, si</i>
Plural	1ª pessoa:	<i>Nós</i>	<i>Nos</i>	<i>Nós</i>
		<i>a gente</i>	<i>Se</i>	<i>Si</i>
	2ª pessoa: <i>vós</i>		<i>Vos</i>	<i>Vós</i>
	3ª pessoa: <i>eles, elas</i>		<i>Lhes, os, as, se</i>	<i>Eles, elas, si</i>

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Bechara (2009, p. 160).

É importante mostrar aos alunos que os pronomes reflexivos indicam que a ação do sujeito reflete nele próprio e que os pronomes recíprocos indicam que a ação é mútua entre os sujeitos. Nesse sentido, vale a pena revisar os oblíquos considerando o Quadro 7, chamando a atenção dos estudantes para o fato de que, mesmo que o *a gente se* refira, geralmente, à primeira pessoa do plural, ele faz parte do paradigma verbal da terceira pessoa do singular (*se, si*) e o *nós* da primeira do plural (*nos, conosco*), conforme os exemplos: 1. “*Nós nos* conhecemos na escola” e 2. “*A gente se* fala todos os dias”.

Considerando o perfil dos alunos da zona rural, acreditamos que essa atividade possa ser mais bem aplicada no Ensino Fundamental II, ou mesmo em séries anteriores, dependendo do perfil da turma. Obviamente cabe ao professor avaliar quais são as deficiências, os pontos fortes e as reais necessidades de seus alunos para, então, criar ou adaptar os materiais didáticos que o auxiliarão a obter êxito em seu trabalho.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O ensino da língua materna é algo que sempre suscitou dúvidas e inquietações, principalmente em contextos em que a norma-padrão entra em conflito com as variações. Entretanto, a variação linguística é uma realidade em todas

as línguas, e isso não seria diferente com a nossa. O PB deve ser analisado conforme as peculiaridades e os usos correntes em nosso território. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) preconizam que a sala de aula deve dar atenção especial a essa questão, pois o mito de uma língua homogênea não consegue mais se sustentar perante as diversas descobertas das pesquisas da área da sociolinguística.

A análise da gramática de Rocha Lima (2003) nos fez perceber que o tratamento dispensado à primeira pessoa do plural na posição de sujeito se restringe quase que exclusivamente à variante *nós*, enquanto o espaço reservado para a forma inovadora *a gente* é bem restrito. Vimos que na GN a classificação dos pronomes é, geralmente, controversa, pois ora considera *a gente* como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-a apenas em notas de rodapé ou em pequenas observações.

As diversas pesquisas acerca desse item gramatical apontam para a reorganização do quadro pronominal do PB. O quadro proposto por Castilho (2010, p. 477), por exemplo, aponta nessa direção, fazendo-nos refletir sobre a língua em efetivo uso. A inserção de *a gente* como uma variante da primeira pessoa do plural, assim como a de *você/vocês* como variantes da segunda do singular e do plural, é uma mudança que precisa ser implementada tanto na GN quanto nos livros didáticos, a fim de se adequar o estudo sistemático da língua ao real estado do PB.

A proposta didática apresentada é apenas uma sugestão, uma alternativa metodológica, que pode ser adaptada para outras realidades, a fim de ampliar o ensino dos pronomes pessoais sujeitos, sobretudo da variante *a gente*, por vezes menosprezada pelo livro didático, e também como uma ferramenta a mais para reforçar os traços morfossintáticos do pronome *nós*. Esperamos que, com essa reflexão e com a proposta sugerida, possamos contribuir para o ensino de nossos alunos e dos alunos dos professores que tiverem acesso a este trabalho.

Reorganization of the pronominal paradigm in Brazilian Portuguese: a special look at the first person plural

Abstract

This paper aims to promote some thoughts about the reorganization of personal pronouns in Brazilian Portuguese, especially considering the variable first

person plural (subject pronoun), with the variants *nós* and *a gente*. We started the study making some considerations about the description of the personal pronouns made by Rocha Lima (2003) to identify the orientations of normative grammar about this grammar item. Then we draw a brief overview of current Brazilian pronoun framework, anchored mainly in Castilho (2010) and Neves (2011). Finally, we propose a didactic alternative to teach the first person plural variant, as current trends of our Portuguese.

Keywords

First person plural. *Nós*. *A gente*.

REFERÊNCIAS

AMORA, A. S. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens 6º ano*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

FREITAS, J. M. de A. *Os pronomes pessoais sujeitos no ensino fundamental: teoria gramatical e orientação do professor*. Salvador: Edufba, 1997.

GONÇALVES, A. O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico. *Domínios de Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 393-417, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14791>. Acesso em: 4 abr. 2024.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *Delta*, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 16 mar. 2024.

LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2003. (v. 18).

MACHADO, M. S. Sujeitos pronominais nós e a gente em dialetos populares. *Revista Graphos*, v. 2, n. 1, p. 5-23, 1997. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/download/9192/4887>. Acesso em: 19 mar. 2024.

NEVES, M. H. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2013.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

OMENA, N. P. de A.; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Brasileiro, 1996. p. 75-83.

PEREIRA, P. A gramaticalização do sintagma a gente no português brasileiro contemporâneo. *Revista da Pesquisa & Pós-Graduação*, v. 2, p. 26-46, 2009.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.